



## **PARA ALÉM DAS FOTOS – AS EXIGÊNCIAS DO MERCADO ERÓTICO SEXUAL GAY**

Antônio Gabriel Feitosa Rolim; Philippi Rios da Silva

*Universidade Federal do Vale do São Francisco, [gabrieo.antoniorolim@gmail.com](mailto:gabrieo.antoniorolim@gmail.com);*

*Universidade Federal do Vale do São Francisco, [philippirios@gmail.com](mailto:philippirios@gmail.com).*

**RESUMO:** O presente estudo trata-se de uma pesquisa qualitativa de cunho exploratório-descritivo, na área de gênero e sexualidade, baseado no modelo de etnografia online, onde, a partir técnica de observação online do mesmo autor, objetivou-se compreender as matrizes históricas pelas quais se pautam a dinâmica da segregação sexual em duas redes sociais distintas e como orientam o fator segregação e de representação social dos sujeitos. Os resultados obtidos falam de padronização, figuras de gênero, segmentação e fluidez, dentro do imaginário cultural.

Palavras-chave: representação social, homosociabilidade, cibercultura.

### **FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA**

A homoafetividade sofreu sanções sobre toda sua trajetória histórica, e quem melhor para falar disso são antropólogos e sociólogos que discorreram sobre, ao longo dos séculos, destacando-se Parker (1991, 2002) e Trevisan (2011), que trazem remarcações históricas sobre as representações sociais do gay na sociedade civil.

Essas sanções foram impostas pelas instituições de poder, são elas: religião, educação, política, ciência e medicina, que tornavam o corpo objeto de sua manipulação, delegando-lhe saberes, movimentos e posturas. A homoafetividade fora resumida ao sexo, tida como abjeta, assimilada como práticas uranistas, sodomitas, além de estar no

mesmo patamar das relações comerciais, bestiais e poligâmicas (FOUCAULT, 1988; PARKER, 1991, 2002; TREVISAN, 2011).

Com a proeminência da medicina da homossexualidade, ser gay deixou de ser considerado como aspecto da perturbação divina e passou a ser visto por aspectos comportamentais, logo mais identitários, de forma que, ao ser gay, presumia-se todo um conjunto de ações advindas dos sujeitos (HEILBORN, 1996; NUNAN, 2003). Setores como o da Medicina (FOUCAULT, 1988), Estado (FOUCAULT, 1988; PARKER, 1991, 2002; RUBIN, 2003), Educação (FOUCAULT, 1988; LOURO, 2003) e a Própria Psicologia (FOUCAULT, 1988; PARKER, 1991, 2002; RUBIN, 2003)



reforçaram as teses defendidas sobre a homossexualidade, chegando a criar um ambiente de instabilidade social para com a sexualidade e patologizá-la, sob a égide da cura e limpeza social.

Interessante contextualizar, as figuras masculinas e femininas, definidas pela ‘nova ordem social’, eram limitadas. A figura do gay, nem masculino, nem feminino, trazia um rompimento do modelo sexo/gênero, causando furor nas verdades até então ditas (PARKER, 1991, 2002). Sobre essas verdades, volta-se à Nogueira (2011), quando traz uma retrospectiva sobre as teorias do gênero, que admite que se pensou este como inerente ao sexo, de forma que nascia-se com o sexo masculino e assim deveria se portar, com comportamentos e performances distintas, assim como processos cognitivos e personalidade. Mais tarde, com o advento da construção social, pensava-se o gênero como objeto desta.

Nessa ideia, remete-se aos *scripts*<sup>1</sup> sexuais, que nesse contexto eram pré-definidos como o machão ativo e que come, e o delicado, que é passivo e dá, como numa representação de relações de poder, o submisso que dá e o dominante que come. Mas com a ruptura das amarras sociais, a sociedade passou a viver ‘sob nova direção’,

<sup>1</sup> Predefinição de performance no ato sexual; roteiro; guia.

de modo que as identidades tornaram-se soltas do tradicionalismo e influenciadas pelo fator globalização, que forneceu um intercâmbio cultural (HALL, 2006), de modo que, como Foucault (1988) salienta, quando os mecanismos de controle perderam espaço, flexibilizou a dinâmica de interação.

Com isso, a homoeroticidade mostrou-se como permuta nesse jogo de interação, de modo que se pode pensar que ser delicado ou machão não corresponderia ao papel sexual de ativo ou passivo (PARKER, 1991). Mas há quem discorde, pois Giddens (2003) que vem tratar desse sujeito da modernidade como alienado ao discurso e presos às amarras sociais do deste, de forma a manter-se no que a sociedade representa, mesmo que de forma inconsciente, um eu fragmentado que simula uma experiência repentina e descontinuada, na terna ideia de ser o que quer e o que deve.

É sobre a figura do efeminado que pretendemos falar, a figura vista como feminina, que, de acordo com Rubin (2003), sofreu com as políticas de segregação sexual; com Parker (1991, 2002), foi vista como representação universal de gay; e com Misse (2007), articulada à ideia de passivo, o campo inferior da sexualidade. Estudos recentes, como Braz (2009), Parreiras (2009) e Nunan (2007a, 2010), percebem que há uma demarcação territorial convencionalizada a partir da performance sexual, de forma que o corpo



de macho e o jeito de macho recebe um lugar de privilégio, em detrimento do feminino que recebe o lugar de sacrilégio. Esse movimento de condenação e louvor faz pensar a pesquisa: qual o espaço e a representação da figura efeminada nos contornos sociais da homoafetividade?

Mas antes de tudo, é preciso compreender que o espaço a ser utilizado como campo de pesquisa é o espaço online. Foucault (1988) descrevia espaços neutros, como locais onde era possível vivenciar a sexualidade distante do olhar inquisidor, e a internet se assemelha a esses espaços, quando se pensa na ideia de anonimato. E pensar nas redes sociais, elas já capturam a sexualidade no âmbito da cibercultura<sup>2</sup>, falando a partir disso sobre aplicativos cujo objetivos seriam esses, à exemplo do Grindr<sup>3</sup>, nosso campo de pesquisa.

---

<sup>2</sup> Cultura que surge com a disseminação da internet e do espaço cibernético de interação online trazido com seu uso. Fortemente utilizado tanto por jovens quanto por adultos por seu alto potencial de comunicação. O ciberespaço seria então o local onde as pessoas se encontram para tal interação.

<sup>3</sup> Aplicativo voltado exclusivamente para o uso do público gay, com o intuito inicial de promover interações online entre os usuários. Os perfis são organizados por proximidade, de modo que são visualmente mais próximos os perfis de usuários que se encontram mais próximos um do outro. O perfil pode ser moldado de acordo com o desejo e necessidade do usuário: com ou sem foto, identificação, ou descrição pessoal, restando para esse último a possibilidade de se descrever utilizando marcadores pré-definidos pelo próprio aplicativo

Le Bretton (2003) fala do ambiente online como de grande aproximação do off-line, onde, segundo ele, além da possibilidade de vivência no online - do que no off-line não é possível - diz que a inexistência de barreiras físicas e a possibilidade de viver no anonimato faz dele uma zona de conforto, ao passo que o sujeito estaria isento (ou protegido) de sanções como raça, etnia, peso, etc. Milne (2007), falando desse espaço, fala da formação do avatar, a partir do fenômeno “fantasia de presença”, em que o sujeito se constrói tal como almeja, moldando seus marcadores sociais, transpondo a imagem de si, fortalecendo e criando identidades culturais, criando essa sensação de presença (materialidade). É essa possibilidade de reinvenção que Le Bretton (2003) coloca os sujeitos num nível de igualdade, mas não seria um espaço para todos, pois este exigiria do sujeito um discernimento discursivo e mesmo nível cultural – apenas usuários de recursos tecnológicos.

Diante da perspectiva teórica, objetiva-se compreender as matrizes histórico-sociais pelas quais se pautam a dinâmica erótica em uma rede social (Grindr) e como essa orienta o fator de representação social dos sujeitos.

## **METODOLOGIA**

---

(idade, altura, peso, etnia e “tribos” – urso, discreto, trans, novinho, etc.).



## XII CONAGES

XII COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES  
DE GÊNERO E SEXUALIDADES

Trata-se de uma pesquisa qualitativa, na área de gênero e sexualidade, de cunho exploratório-descritivo, a partir de uma investigação pautada sobre os mecanismos de etnografia online (MANN & STEWART, 2000), com uma amostra não probabilística (GRESSLER, 2003). Seguindo a metodologia de Mann e Stewart (2000), buscou-se conhecer o ambiente a partir do discurso simples proferido nos perfis de identificação, que são dados de acesso público, que contemplavam informações de descrições pessoais e preferências. Essa técnica é conhecida por observação online, que busca captar esse comportamento linguístico da forma mais natural possível e compreender as ações, reações e interações no ambiente, que possibilitariam a visão do aparelho cultural que ali se posiciona. Corroborando com essas ideias, Mercado (2009) vem falar que é possível, através desse método de pesquisa, identificar os atores sociais e suas representações.

A pesquisa em etnografia exige do pesquisador o mínimo possível de conhecimento sobre o fator cultural que se pretende observar e sobre aspectos micro e macro do espaço em questão. Este pesquisador vai e deve atuar como testemunha de um mundo a se descobrir. Nesse modelo de pesquisa, permite-se ao pesquisador interagir e se apresentar ao

sujeito enquanto pesquisador, mas assumiu-se uma posição invisível, não identificando-se no campo como pesquisador em momento algum.

Vale salientar que, em respeito à normativa 466/2012, que trata da pesquisa envolvendo seres humanos, o presente trabalho prescindiu a autorização do Comitê de Ética e Deontologia, uma vez que se utilizou dados de acesso público para produção de pesquisa, sem manter contato direto ou diálogo com os participantes. Cabe ainda destacar, informar que os perfis utilizados para acesso ao aplicativo já existiam antes da produção da pesquisa, portanto já tinha um mínimo de discernimento sobre o ambiente.

Por fim, todo conteúdo coletado foi submetido à análise de conteúdo temático-categorial (BARDIN, 2004). Seu método analítico é dividido em três etapas: pré-análise - etapa de sistematização do material; exploração de material - composta por procedimentos de codificação, redução e enumeração de conteúdo; e tratamento de resultados, inferência e interpretação, tornando-os significativos e fieis.

### **Análise e discussão de dados**

Os perfis observados obedeceram a alguns critérios de inclusão e exclusão, tais

[www.generoesexualidade.com.br](http://www.generoesexualidade.com.br)

(83) 3322.3222

[contato@generoesexualidade.com.br](mailto:contato@generoesexualidade.com.br)



## XII CONAGES

XII COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES  
DE GÊNERO E SEXUALIDADES

quais, perfis com até 100 km de distância, visto como área integração dos municípios limítrofes pertencentes a RIDE (Rede Integrada de Desenvolvimento Econômico), pensando esse espaço como de constante circulação entre os transeuntes e viventes; ainda incluiu-se perfis que atendiam ao mínimo de informação disposta, para além dos marcadores do próprio site, como exemplo, autodescrição. Excluídos os perfis sem o mínimo de informação (autodescrição por texto livre e por marcadores) ou com distância acima de 100 km do marcador.

O aplicativo dispõe de alguns marcadores, os quais os usuários podem usar para definir-se. Com isso, analisados 44 perfis, coletados entre a última semana de fevereiro e a primeira semana de março de 2016, apresentam-se o demonstrativo na tabela, para efeitos de conhecimento sistematiza os dados gerais dos perfis analisados, excluindo a autodescrição por texto livre.

para se descreverem, assim como os mesmos

Etnia	Faixa etária	Porte físico	Relacionamento	Tipologia	O que busca	
<b>Negro</b>	4	<b>18-25</b> 22	<b>Magro</b> 7	<b>Solteiro</b> 18	<b>Discreto</b> 11	<b>Conversa</b> 15
<b>Branco</b>	8	<b>26-35</b> 15	<b>Toneado</b> 1	<b>Exclusivo</b> 1	<b>Jovem</b> 3	<b>Encontro</b> 13
<b>Latino</b>	10	<b>36 ou mais</b> 2	<b>Atarracado<sup>4</sup></b> 1	<b>Aberto</b> 3	<b>Atlético</b> 1	<b>Amizade</b> 15
<b>Árabe</b>	2	<b>N/I</b> 5	<b>Musculoso</b> 6	<b>N/I</b> 22	<b>Geek<sup>5</sup></b> 2	<b>Relacionamento</b> 8
<b>Mestiço</b>	1		<b>N/I</b> 29		<b>N/I</b> 29	<b>Encontro agora</b> 2
<b>Nativo-americano</b>	1					<b>N/I</b> 24
<b>Outro</b>	2					
<b>Não informa</b>	16					

Como nem todos os participantes utilizaram-se dos marcadores pré-definidos

<sup>4</sup> Refere-se a pessoas de baixa estatura com corpo musculoso/cheio;

<sup>5</sup> Faz referência as entusiastas de tecnologia, ou a pessoas que dominam uma temática específica do seu interesse;

não nos permitem responder aos objetivos da pesquisa, utilizar-se-ão as autodescrições por texto livre, uma vez que estas são apresentações próprias de si, sem qualquer intervenção do aplicativo, pois trata-se de um espaço vazio com uma única especificação: “título” e “sobre mim”. Seu conteúdo foi organizado em 7 categorias distintas que permitem expressar uma ideia central, são



elas: discrição, objetividade, conteúdo, estética, preferências, disposição ao sexo e regras convencionadas.

## **DISCRIÇÃO**

Nessa categoria agruparam-se conceituações quanto a postura a se exigir dos usuários, bem como definir as suas feições. Anotações do tipo: “sou discreto”, “curto sigilo” estiveram em destaque. A partir dessas representações, observa-se que há um culto a uma posição invisível ao olhar inquisidor, que cercearia sua vigilância, ao passo que não estaria sobre o campo de visão.

Mais a frente, reverberam-se outras questões que se acumulam a esta categoria, mas que procuram diminuir o feminino, quando diante do famigerado “curto pessoas sem afetações”, “não sou afeminado” e “curto atitudes masculinas”. Essa expressão de machismo dentro da categoria gay já foi explanada por muitos autores, dentre eles pode-se destacar Nunan (2010), trazendo uma segmentação dentro da categoria, viabilizada pela ideia de um modelo gay a ser seguido. Diante disso, o gay com figuração feminina é margeado dentro do espaço e colocado na posição de repulsa, onde autores como Parker (2002) permitem nos mostrar que essa negativização da figura afeminada é uma constante de tempos atrás, no seio social. Preciado (2014) permite explicar essa relação

de dominação e submissão entre os sexos, quando fala da divisão da sexualidade, mediada pela feição biológica, onde indaga que quando organizou-se os sujeitos entre masculino e feminino, atuou-se como licença poética para que houvesse relação de submissão e dominação, organizada pelo estabelecimento de uma matriz sexual a ser consagrada.

Outro ponto que chama a atenção nessa categoria, diz respeito a autodescrição “cara normal, pareço hetero e sou bi”. Essa assimilação da normalidade com o grafema heterossexualidade exige uma leitura de Rubin (2003), quando se propõe a falar sobre ao desenrolar da homossexualidade na sociedade americana, onde categorizou-se a homossexualidade como posição abjeta, insalubre, passível de correções e abandono estatal, em detrimento de um conceito de salubridade, conhecido como heterossexualidade.

E por tratar o espaço da pesquisa como um local erótico, em uma leitura de Oliveira (2009), apreende-se que essa performance de discrição atribuiria intenso valor erótico, proporcionando ganhos como sexo, posição e fama, ao gozar do status social imaginário. Conclui-se que, a exigência desse status remete mais a uma questão de manutenção social, que de identificação. E que, ao adotar uma performance distinta, sua experiência é



avaliada de forma a consequenciá-la ou qualificá-la.

### **Objetividade**

Essa categoria faz referência direta a capacidade de “*ir direto ao ponto*” na janela do *chat* do aplicativo, de modo que os atores que trazem essa categoria em seu discurso, colocam a relação sexual como finalidade do aplicativo. Desse modo, falar de objetividade nesse ciberespaço demarca a brevidade da interação que está sendo construída entre esses sujeitos, de modo que não haja a criação de qualquer vínculo mais profundo entre eles. “*Não curto enrolação*” posiciona o sujeito no local da rapidez da experiência. Pensando nisso, quando nos atentamos ao espaço online, pensamos nesse imediatismo como possibilidade de chegar ao ápice o mais rápido possível ou de ser possível várias experiências numa linha de tempo.

A partir de uma leitura de Bauman (2004), pode-se compreender esse ciberespaço como um local de vivência e experiencição de sujeitos que buscam uma realidade paralela àquém do urbano, com novas formas de lidar com suas necessidades ou luxos. Pensando assim, a logística dos corpos postos nessa cena, seriam de um contato inteiramente físico, objetivo e finito, sem tempo para lidar com questões pessoais

ou sentimentais “*sem tempo para os noitados e para os 'só curto isso ou aquilo'*”.

### **Conteúdo**

Quando se trata de conteúdo, os atores trazem a necessidade de que o outro tenha algo a mais, de conhecimento prévio que se faça substancial para a manutenção do “papo”. Falas como “*bom papo*”, “*não curto analfabetos*” ou “*não busco apenas sexo, mas algo além*” demarcam algo que se opõe a categoria anterior: abertura à possibilidade de algo mais duradouro que possa surgir. Assertivas como “*não busco fast-foda*”<sup>6</sup> afirmam que ainda que haja o sexo como uma possível finalidade da interação, sinaliza que não há um tempo delimitado, com validade, ou ainda, com relação a algo que intrinsecamente estaria ligado a brevidade. De tal modo, utilizando Guedes e Assunção (2006), deve-se pensar na projeção do eu, buscando alguém com esse conteúdo anterior para que a conversa possa ser no nível esperado, ou ainda, ao nível que ele supõe se encontrar, remetendo essa relação ao narcisismo, já que nessa pesquisa sinalizam que existe uma forte tendência do sujeito a buscar parceiros que ele julgue ser similar a

---

<sup>6</sup> Fast-foda é um termo que refere a relações sexuais imediatas e únicas, não havendo uma fidelização dos parceiros. Fast, termo incorporado do inglês nesse grafema, se traduz como algo “rápido”. Foda serviria, nesse contexto, como um significante vulgar para “sexo”, ou relação sexual.



si. Ainda que a internet seja espaço volátil para manter uma relação amorosa (GUEDES e ASSUNÇÃO, 2006), esse ciberespaço se faz uma importante ferramenta de busca para um novo parceiro, tendo essa como última finalidade.

### **Estética**

Nessa categoria estiveram presentes questões relativas à exigência ou descrições de corpos no que convém chamar de mercado erótico, do tipo “*não sou malhado*”, já estabelecendo uma ideia de desesperança ou divergência, e “*curto caras malhados*”, para reafirmar esse culto ao corpo. Oliveira (2009) vem falar desse mercado sexual como regido por “*obrigações sociais*” (p.121), transmitindo uma autonomização sexual. Pollack (1986) lembra sobre essas questões de mercado ligadas ao estigma, em que as relações amorosas estariam reduzidas a cálculos racionais. E que quando pensamos no ciberespaço, permitindo falar sobre clandestinidade, a exigência traz mais uma questão de ‘minimização de riscos e maximização na eficácia da ação’.

Exigir que os parceiros “*sejam bonitos*”, “*acima de trinta anos*” ou mesmo que “*não ligo para o físico, mas ele conta*” reproduz essas práticas regulatórias para além do gênero. É essa possibilidade de estar com “*homens de verdade*” (p. 131), como lembra

Oliveira (2009) que transmitem a normativa do mercado sexual. Mas é como discute Braz (2009), essa produção discursiva e atuação corporal no contexto reconduz a posição “*hipermasculinidade*” (p. 222). E ser ‘feio e velho’ não seria digno de ser mostrado, articulado à ideia de ser desinteressante, em outros termos: fora do mercado.

Nessa ideia de masculinidade, volta-se para o processo histórico e observa-se que, a partir de Trevisan (2011), essa idealização de homem herdou-se de uma criação social amparada por uma divisão de submissão e dominação, em que o homem era tido como sinônimo de virilidade, força e astúcia em detrimento de um feminino incapaz, submisso e inferior. Por uma questão ou outra, cai-se na díade feminino-masculino para exaltar-se uma configuração social exigida: “*macho fitness*”.

### **Preferências**

Nessa categoria, o que demarca é a forma de afirmação que os sujeitos utilizam para expressar sua performatividade, quando se assumem passivos dizendo “*curto tudo, menos ser ativo*”, “*não sou ativo*” ou “*procuro ativos*”, visualizando-se uma ideia de assumir sem precisar falar a verdade sobre os fatos. Nesse meio termo, apresentar-se como passivo uma ideia de rejeição, e Rubin lembra (2003) que este carrega uma marca insalubre, sendo reforçada por Misse (2007),





Parker (1991, 2002) e Trevisan (2011) com a figura que sofria sanções dentro do universo social, por articular-se à ideia de feminino e transcender um ideal de homem.

Da assunção da homossexualidade, numa leitura com Nunan (2007b), assumir-se bissexual é divergir da ideia de gay, que permitiria sê-lo sob a égide da permissibilidade social, ou colocar-se abjeto à conduta imprópria do passivo.

Ao entrar nessas questões, observa-se nessa dinâmica ativo e passivo, um imaginário social ao se pensar no que uma posição social vai dizer sobre o sujeito e que por isso os sujeitos utilizem-se de outros marcadores para produzir a diferença e se sobressair aos demais, como observado na autodescrição “*macho passivo*”.

### **Disposição ao sexo**

Nessa categoria, agrupou-se descrições relativas aos scripts sexuais, observando esses grafemas como formas de angariar lucros no mercado sexual. As citações “*sou bom de cama*” e “*tenho local*” permitem mostrar um imediatismo sexual, ao passo que convencionava dizer que há também um chamativo, quando se propõe a sanar dificuldades no entrelace sexual e oferecer um produto a mais, ao passo que minimizaria a expositividade ao olhar inquisidor, que Foucault (1988) falara, e produziria efeitos

sociais desejáveis, como Pollack (1986) expunha. Mas restabelecendo a ideia que Oliveira (2009) discutia em outros pontos, a exposição a um espaço acompanha-se de avaliação, sendo assim, a apresentação por tais grafemas, também permite pensar para além de uma forma de diferenciar-se, como de corresponder às expectativas.

Em afirmar “*curto putarias*” ou “*sou submisso*”, nota-se nos sujeitos posições diferentes frente a possibilidade de se realizar na relação sexual. Aqueles que curtem “*putarias*” se referem ao sexo sem fronteiras, sem um freio no que tange ao setting das quatro paredes. Ao submisso pensa-se em um indivíduo que se põe como objeto para a satisfação do desejo de outrem, o último gozando nessa posição de autoridade, o primeiro gozando na posição de nutrição do desejo de outrem. Essas duas posições se encontram na ausência de amarras sexuais, de limites e de respeito às convenções: puxam algo de um sexo perverso, sem limites, sem freio e sem *scripts*. Os *scripts*, trazidos por Leal e Knauth (2006) deveriam ditar as normativas para a conduta sexual desses sujeitos, trazendo uma sexualidade fundamentada em performances preestabelecidas pela cultura.

O “*sexo sem esplendorismo*” ganhou espaço nessa categoria por aprimorar a ideia de *script* sexual, ao qual se observou a



exigência por uma postura sexual sem excedentes. Para tais, observa-se uma resistência ao tecido social, quando se distingue dos demais perfis e prescreve algo mais casual e limitado.

### **Regras convencionadas**

Essa última categoria traz consigo as normativas que são empregadas dentro do aplicativo pelos seus usuários. Na fala “*é seu direito estipular regras, é minha prerrogativa não me sujeitar a elas!*” pôde-se notar a forma como as relações de poder são postas nesse contexto. De diferentes maneiras, essas normas são tecidas e apresentadas individualmente, imitando a autonomia da vida real, mas dessa vez velada pelo anonimato que a internet proporciona. Regras como “*se eu não responder, é porque não rola*” ou ainda “*se insistir eu uso o bloqueio*” mostram a relação de lei e penalidade que são apresentadas nesse *locus* de interação social. Leal e Knauth (2006) já falam dessa sexualidade como uma relação de poder, onde um indivíduo exerce sobre o outro, em hierarquia, desejos, valores e normas para que o papel de ambos seja desempenhado na relação. Mais além, há as regras de “*boa convivência*” – “*só falo com quem tem foto*”, “*quer falar comigo, mande foto antes*” e “*sou tímido, tome iniciativa*” são recortes de regras que serviriam de porta de entrada para o chat com o indivíduo pretendido.

### **CONCLUSÕES**

As trocas eróticas nesse mercado parecem estar influenciadas por um modelo cultural entrelaçado em questões ligadas a um processo histórico e reflexo de uma cultura imediatista que prega as relações instantâneas e de menor fixidez. E por falar em imediatismo, a cibercultura com suas ferramentas virtuais de interação dialoga com o imediato, encurtando distâncias e facilitando comunicação.

Ainda que o ciberespaço seja um novo *locus* para essas interações, o que se nota é que as convenções sociais em sua normatividade ainda se impõem sobre os sujeitos: produzindo mecanismos de exclusão e de identificação nesse espaço virtual.

E mesmo que a padronização impere, parece haver um ponto de exaustão que ascende nos sujeitos a busca pelo diferencial, ou talvez seja mais uma forma de unicizar seu ser e/ou vender-se no mercado de valores, pois não individualizar-se-iam, mas se sobrepunham aos demais. Não obstante, a objetividade traz consigo o imperativo do imediato que torna as relações cada vez mais efêmeras, de modo a prever o fim, ainda que seja próximo o começo.

Por fim, como problema de pesquisa, percebe-se que há um desentendimento quanto às informações prestadas pelos



usuários, pois confundem dar informações de si com preferências.

## REFERÊNCIAS

BAUMAN, Zygmunt. *Amor líquido: sobre a fragilidade dos laços humanos*. Rio de Janeiro: Zahar, 2004, 190.

BRAZ, Camilo A. de. Silêncio, suor e sexo: subjetividades e diferenças em clube para homens. In: DÍAZ-BENÍTEZ, M. E. & FÍGARI, C. E. (Eds). *Prazeres dissidentes*. Rio de Janeiro: Garamond, 2009, p207-236.

FOUCAULT, Michel. 1988. *História da sexualidade I: a vontade do saber*. Tradução de Maria Thereza da Costa Albuquerque e J. A. Guilhon Albuquerque. 13ª edição. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1988, 155 p.

GIDDENS, Anthony. *A constituição da sociedade*. São Paulo: Martins Fontes, 2 ed, 2003, 458p.

GRESSLER, Lori Alice. *Introdução à pesquisa: projetos e relatórios*. São Paulo: Loyola, 1 ed, 2003, 295p.

HALL, Stuart. *Identidade Cultural na pós-modernidade*. Rio de Janeiro: DP&A Editora, 2006, 102p.

HEILBORN, Maria L. Ser ou Estar Homossexual: dilemas de construção da identidade social. In: PARKER, R. e BARBOSA, R. *Sexualidades Brasileiras*. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 1996, 236p.

LEAL, Andréa F; KNAUTH, Daniela R. A relação sexual como uma técnica corporal: representações masculinas dos relacionamentos afetivo-sexuais. *Cadernos de saúde pública*, Rio de Janeiro, 22(7): 1375-1384, 2006.

LOURO, Guacira L; NECKEL, Jane F & GOELLNER, Silvana V (Ed). *Corpo, gênero e sexualidade: um debate contemporâneo na educação*. Petrópolis: Vozes, 2003, 191p.

LE BRETON, David. *Adeus ao corpo*. Tradução Marina Appenzeller. Campinas: Papirus, 4 ed, 2009, 240 p.

MANN, Chirs & STEWART, Fiona. *Internet communication and qualitative research: a handbook for reseraching online*. Londo: Sage Publications, 2000, 258p.

MERCADO, Luis P. L. Pesquisa qualitativa on-line utilizando a etnografia virtual. *Revista teias*, Vol. 13, nº 30, p. 169-183, setembro de 2012.

MILNE, Esther. Dragging her dirt all over the net: presence, intimacy, materiality v1.0. *Transforming cultures eJournal* Ano 2. vol 2 nº 2, dezembro de 2007.

MISSE, Michel. *O Estigma do Passivo Sexual*. Rio de Janeiro: Achiamé, 3 ed, 2007, 108 p.

NOGUEIRA, Conceição. Contribuições do Construcionismo Social a uma nova Psicologia do Gênero. *Cadernos de Pesquisa*, n112, p137-153, março de 2001.



NUNAN, Adriana. *Homossexualidade: do preconceito aos padrões de consumo*. Rio de Janeiro: Caravansarai, 2003, 364 p.

\_\_\_\_\_. *Homossexualidade e discriminação: o preconceito sexual internalizado*. 2007, 389f. Tese (Doutorado em Psicologia Clínica), Pontífica Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2007a.

\_\_\_\_\_. Influência do preconceito internalizado na conjugalidade homossexual masculina. In: GROSSI, M. P; MELLO, L; UZIEL, A. P. (ed.). *Conjugalidades, parentalidades e identidades lésbicas, gays e travestis*. Rio de Janeiro: Garamont, 2007b, 432p.

\_\_\_\_\_; JABLONSKI, Bernardo & FÉRES-CARNEIRO, Terezinha. O preconceito sexual internalizado por homossexuais masculinos. *Interação psicologia*, Rio de Janeiro, v14 (2), p. 255-262, 2010.

PARKER, Richard. *Corpos, prazeres e desejos: a cultura sexual no Brasil contemporâneo*. Tradução Maria Therezinha M. Cavallari. São Paulo: Best Seller, 1991, 295 p.

\_\_\_\_\_. *Abaixo do equador: culturas do desejo, homossexualidade masculina e comunidade gay no Brasil*. Tradução de Rita Vinagre, Rio de Janeiro: Record, 2002, 380 p.

PARREIRAS, Carolina. *Fora do armário... Dentro da tela: notas sobre avatares, (homo)sexualidades e erotismo a partir de*

uma comunidade virtual". In: DÍAZ-BENÍTEZ, M. E. & FÍGARI, C. E. (Eds). *Prazeres dissidentes*. Rio de Janeiro: Garamond, 2009, p343-372.

PRECIADO, Beatriz. *O manifesto contrassexual: práticas subversivas de identidade sexual*. Tradução de Maria Paula Gurgel Ribeiro. São Paulo: N-1 edições, 2014, 224p.

RUBIN, Gayle. Pensando o sexo: notas para uma teoria radical das políticas da sexualidade. *Cadernos Pagu*, Campinas, n21, p1-88, 2003.

TREVISAN, João S. *Devassos no paraíso: a homossexualidade no Brasil, da colônia à atualidade*. Rio de Janeiro: Record, 2011, 588p.